

NATHANIEL
HAWTHORNE

A letra escarlate

Tradução de
CHRISTIAN SCHWARTZ

Posfácio de
NINA BAYM

Notas de
THOMAS E. CONNOLLY



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1962 by Ohio State University Press
Copyright do posfácio © 1983 by Viking Penguin Inc.
Copyright das notas © 1970 by Penguin Books

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The scarlet letter

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Carlos Alberto Bárbaro

REVISÃO
Carmen S. da Costa
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hawthorne, Nathaniel, 1804-1864.

A letra escarlate / Nathaniel Hawthorne ; tradução de Christian Schwartz. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Título original: The scarlet letter.

ISBN 978-85-63560-20-9

1. Romance norte-americano I. Baym, Nina. II. Connolly, Thomas E. III. Título

10-06323

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Nota sobre o texto	7
Prefácio à segunda edição	9
Introdução — A alfândega	11

A LETRA ESCARLATE

1. A porta da prisão	61
2. A praça pública	63
3. Um rosto conhecido	74
4. O encontro	84
5. Hester a bordar	92
6. Pearl	103
7. O palácio do governador	115
8. A menina-fada e o pastor	123
9. O médico	133
10. O médico e seu paciente	145
11. O interior de um coração	156
12. A vigília do pastor	164
13. Outra visão de Hester	177
14. Hester e o médico	187
15. Hester e Pearl	195
16. Um passeio na floresta	203
17. O pastor e sua paroquiana	211
18. Um dilúvio de luz	222
19. A criança à beira do riacho	229
20. O pastor num labirinto	237
21. Feriado na Nova Inglaterra	250

22. O desfile	261
23. A revelação da letra escarlate	273
24. Conclusão	283
<i>Posfácio — Nina Baym</i>	291
<i>Notas — Thomas E. Connolly</i>	319
<i>Outras leituras</i>	331

A porta da prisão

Uma turba de homens barbados, paramentados em cores soturnas e chapéus cinzentos de copa alta, e algumas mulheres, umas de touca, outras com as cabeças descobertas, encontravam-se reunidos diante da construção de madeira cuja porta, pesadamente reforçada em carvalho, era ainda guarnecida por pinos de ferro.

Os fundadores de uma nova colônia, seja qual for a utopia sobre a virtude e a felicidade humanas que tenham projetado de partida, invariavelmente aceitam, como uma de suas primeiras necessidades práticas, escolher um pedaço de terra virgem para servir de cemitério e uma segunda porção de terreno para construir uma prisão. De acordo com essa norma, pode-se seguramente inferir que os pioneiros de Boston tenham erguido sua primeira cadeia, localizada em algum lugar nos arredores de Cornhill,¹ quase que simultaneamente à inauguração do primeiro cemitério, no lote de Isaac Johnson,² cuja sepultura daí em diante funcionou como o centro a partir do qual se congregaram todos os demais túmulos no velho cemitério de King's Chapel.³ É certo que, uns quinze ou vinte anos depois da fundação da cidade, a prisão de madeira já exibia marcas das intempéries e do tempo, o que dava uma aparência ainda mais sombria à sua fachada carrancuda e melancólica. A ferrugem sobre o pesado reforço de ferro na porta em carvalho parecia

a coisa mais antiga a habitar o novo mundo. Como costumava acontecer com tudo o que se relaciona ao crime, a impressão era de nunca ter havido juventude por ali. Em frente a essa feia construção, no espaço entre ela e a trilha que delimitava a rua, havia um gramado muito alto, assolado por uma vegetação rasteira e ervas daninhas, de tamanha má aparência que deve ter encontrado terreno propício naquele solo onde tão precocemente germinalara a flor maldita da sociedade civilizada: uma prisão. Mas, de um dos lados do pórtico, plantada praticamente no limiar de entrada, havia uma roseira selvagem, carregada de seus delicados botões naquele mês de junho, e era possível imaginar que oferecia sua fragrância e frágil beleza ao prisioneiro que ali adentrasse e ao criminoso sentenciado que dali saísse para encontrar seu destino, prova de que, no fundo de seu âmagô, a natureza era capaz de conceder misericórdia e bondade.

Essa roseira, por um estranho acaso, tem sobrevivido ao longo da história; mas se meramente mantinha-se incólume à severidade do ambiente selvagem tantos anos depois de os enormes pinheiros e carvalhos que originalmente lhe davam sombra terem ido ao chão ou se floresceu sob os passos da santa Ann Hutchinson⁴ no momento em que esta adentrou a cadeia, e pode-se crer nisso com certa autoridade, não nos dedicaremos aqui a determinar. Ao encontrar tal roseira tão certeira e positivamente posicionada às portas de nossa narrativa, que ora está prestes a deslanchar a partir daquele ignominioso pórtico, não poderíamos deixar de colher e oferecer uma de suas rosas ao leitor. Pode servir-lhe, é o que esperamos, como símbolo do encantador florescimento moral que será revelado ao longo do trajeto, ou ainda para suavizar o sombrio desfecho de uma história de dor e fragilidade humanas.

2. A praça pública

Em certa manhã de verão há não menos de dois séculos, o gramado em frente à cadeia, na Prison Lane, era ocupado por uma grande parcela dos habitantes de Boston; todos mantinham os olhos fixos e atentos à porta de carvalho reforçada por pinos de ferro. Fosse qualquer outro o povo ali reunido ou aquela uma época posterior da história da Nova Inglaterra, a lúgubre severidade que petrificava as fisionomias barbadas daquela boa gente seria augúrio de que algo terrível se avizinhava. Poderia significar nada menos do que a expectativa pela execução de um conhecido criminoso, cuja condenação pelo tribunal não teria sido senão a expressão do veredicto da opinião pública. Mas, naquela severidade característica do caráter dos puritanos, inferência desse tipo não poderia ser feita com tanta certeza. Talvez um escravo preguiçoso ou uma criança desobediente entregue pelos pais à autoridade civil estivessem prestes a ser disciplinados no local a chibatadas. Ou quem sabe se tratasse de um antinomista,¹ de um Quaker ou de algum outro crente heterodoxo sendo expulsos da cidade, ou ainda de um índio errante e desocupado que a aguardente do homem branco levava a se exceder pelas ruas e agora era conduzido amarrado para a escuridão da floresta. Podia ser também que uma bruxa, como a velha sra. Hibbins,² a irascível viúva do juiz, fosse morrer na forca. Em qual-

quer um desses casos, a mesma solenidade seria vista no comportamento dos espectadores; convinha a uma gente para a qual religião e lei eram quase a mesma coisa, e em quem ambas se entrelaçavam profundamente, que o mais leve e o mais severo castigo público fossem tornados igualmente respeitáveis e terríveis. Escassa e fria era a condescendência que um condenado naquele limiar poderia esperar da plateia. Por outro lado, uma pena que hoje resultaria em infâmia debochada e ridículo naquele tempo talvez se investisse de uma dignidade quase tão austera quanto a da própria sentença de morte.

Uma circunstância a ser notada, naquela manhã de verão em que se dá a partida para a nossa história, é que as mulheres, e havia muitas na multidão, demonstravam peculiar interesse pelo castigo prestes a ser infligido, fosse ele qual fosse. Não se evoluíra, ainda, a ponto de se considerar impróprio a alguém usando anáguas e armação de saias exibir publicamente sua figura não pouco espaçosa, se ocasião houvesse, em meio à multidão reunida perto do cadafalso no momento de uma execução. Moral e fisicamente, aquelas esposas e donzelas nascidas e criadas à boa e velha maneira inglesa exibiam fibra mais rude do que suas atuais descendentes, das quais se encontram à distância de seis ou sete gerações; ao longo dessa cadeia ancestral, cada nova mãe transmitiu ao rebento menos viço, beleza mais delicada e efêmera, e uma formação não tão robusta, sem mencionar o caráter, menos forte e sólido que o seu próprio. As mulheres ali reunidas diante da porta da prisão viviam a menos de meio século do tempo em que Elizabeth, com seu jeito masculino, fora uma representante não de todo inadequada do sexo feminino. Aquelas mulheres eram suas conterrâneas; e a mesma dieta de carne e cerveja foi em grande medida o que as constituiu do mesmo grau de refinamento. O sol radiante daquela manhã, portanto, projetava-se sobre ombros largos e bustos generosos, e

sobre bochechas redondas e rosadas, características adquiridas na distante ilha, nem um pouco empalidecidas ou amainadas na atmosfera da Nova Inglaterra. Havia, além disso, ousadia e exuberância no discurso dessas matronas, como se poderia caracterizar muitas delas, o que nos causaria admiração nos dias de hoje, seja no que diz respeito à assertividade do que diziam, seja pelo volume e pelo tom com que o pronunciavam.

“Senhoras”, disse uma delas, com cerca de cinquenta anos e fisionomia austera, “eu vos direi um pouco do que penso. Seria de grande utilidade pública que nós, mulheres já em idade madura e membros de boa reputação em nossa igreja, assumíssemos casos de malfeitoria como o de Hester Prynne. O que pensais disso, amigas? Se a tal meretriz fosse julgada por nós cinco aqui reunidas e em comunhão, será que teria uma sentença como a que lhe deram os excelentíssimos juízes? Pela Virgem, duvido!”

“Dizem”, comentou outra, “que o reverendo Dimmesdale, o santo pastor a quem ela responde, está muito abalado com a possibilidade de que um escândalo desses afete toda a congregação.”

“Os juízes são homens tementes a Deus, mas piedosos demais — essa é a verdade”, acrescentou uma terceira matrona. “O mínimo que deveriam ter feito era condenar Hester Prynne a ser marcada a ferro na testa. Ela teria estremecido diante de uma punição assim, garanto. Mas Hester Prynne, sendo a prostituta sem-vergonha que é, pouco se importará com o que lhe vai gravado sobre o peitoral da túnica! Ora, vejam, pode-se cobrir ali com um broche ou outro ornamento pagão e andar pelas ruas com o mesmo descaramento de sempre!”

“Ah”, atalhou uma jovem senhora que segurava pela mão uma criança, “mas deixe que cubra a cicatriz se quiser, porque a marca permanecerá sempre em seu coração.”

“De que vale falar de marcas e cicatrizes, sejam elas gravadas no peito de sua túnica ou na carne de sua tes-

ta?”, protestou outra das mulheres, a mais feia e impiedosa daquelas juízas autoproclamadas. “Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós e deve morrer. Não existe para isso uma punição estabelecida? Claro que sim, tanto nas Escrituras quanto nas nossas leis. Culpem somente a si mesmos os juízes que não a cumpriram caso suas esposas e filhas se desviem!”

“Por piedade, senhora”, bradou um homem no meio da multidão, “não haverá virtude numa mulher senão a que resulta do medo sadio de acabar no cadafalso? É o julgamento mais duro que já ouvi! Silêncio agora, amigas; é a chave que gira na tranca da prisão. Aí vem a senhora Prynne em pessoa.”

Quando a porta da cadeia foi aberta, a primeira aparição vinda do interior do edifício foi uma sombra negra emergindo à luz do sol, a lúgubre e medonha presença do oficial de justiça, espada de um lado e bastão de ofício à mão. Tal personagem encarnava e representava em sua aparência toda a severidade sombria do código de leis puritano, cuja aplicação final e definitiva aos criminosos era sua responsabilidade administrar. Apontando à frente o bastão que trazia na mão esquerda, pousou a direita sobre o ombro de uma jovem, e em seguida fez com que ela desse um passo adiante; ainda que às portas de uma cadeia, ela o repeliu, num gesto que expressava dignidade espontânea e força de caráter, e avançou a céu aberto como se o fizesse por vontade própria. Segurava nos braços uma criança, um bebê de cerca de três meses, que piscou e escondeu o rostinho da vívida luz do dia; isso porque sua existência, até ali, não lhe permitira conhecer nada além da penumbra cinzenta de uma masmorra ou de outro tipo de cela escura de prisão.

Assim que a jovem — mãe dessa criança — se revelou por inteiro à multidão, pareceu ter sido seu primeiro instinto abraçar com mais força o bebê junto ao peito; não tanto por um impulso de afetividade materna, mas como

se escondesse um símbolo, o qual vinha gravado ou costurado naquela altura do vestido. No momento seguinte, no entanto, percebendo que não fazia mais do que ocultar de maneira precária um emblema de sua vergonha com outro, ela tomou o bebê num dos braços e, com o rosto queimando, um sorriso arrogante e o olhar de quem não se deixaria humilhar, encarou a gente de sua cidade e os vizinhos que a rodeavam. No peitoral da túnica, em tecido vermelho fino e adornada por um elaborado bordado e fantásticos floreios em linha dourada, trazia a letra A. O emblema fora bordado com tal arte, e tamanha exuberância e beleza decorativas, que dava a perfeita impressão de um toque final e preciso à roupa que ela usava; roupa que, por sua vez, exibia esplendor conforme ao gosto da época, mas muito além do que permitiriam as normas da colônia no que dizia respeito a ostentação e luxo.

A jovem era alta, uma figura de perfeita elegância em todos os sentidos. Tinha cabelo escuro e abundante, tão lustroso que brilhava à luz do sol, e um rosto que, além de bonito pela regularidade dos traços e pela riqueza da composição, causava aquela impressão própria a sobranças bem marcadas e olhos negros profundos. Era bem feminina, para os padrões da época; caracterizava-se por certa postura e dignidade, mais do que pela delicada, evanescente e indescritível graça que anunciariam, hoje, aquela condição. E jamais Hester Prynne surgira tão feminina, de acordo com a antiga interpretação do termo, como nessa ocasião, à saída da cadeia. Aqueles que, tendo-a conhecido antes, esperavam encontrá-la assombreada e obscurecida por uma terrível nuvem, ficaram espantados e até mesmo admirados ao ver como sua beleza, no infortúnio e na ignomínia em que se vira envolvida, desabrochava e criara em torno dela uma aura. É verdade que, para um observador perspicaz, talvez houvesse ali algo delicadamente doloroso. Seu traje, que, na verdade, confeccionara para a ocasião na própria ca-

deia, modelando-o bem ao seu gosto, parecia expressar, com insolente e pitoresca peculiaridade, uma postura de espírito, a desesperada temeridade de seu estado de ânimo. Mas o detalhe que atraía todos os olhares e, como era de esperar, transfigurava sua portadora — a ponto de homens e mulheres para quem Hester Prynne fora até ali uma presença familiar agora a olharem como se pela primeira vez — era aquela LETRA ESCARLATE, tão magnificamente bordada e iluminada em seu peito. Funcionava como um feitiço, apartando-a das relações humanas ordinárias para encapsulá-la numa esfera própria.

“Tem grande talento com a agulha, isso é certo”, observou uma das mulheres presentes, “mas alguma vez antes dessa sirigaita terá outra mulher tramado exhibir suas habilidades dessa maneira? Ora, amigas, o que é isso senão rir da cara dos nossos santos juízes e vangloriar-se do que eles, homens de valor, tinham a intenção de que fosse uma punição?”

“Faríamos bem”, resmungou aquela com a fisionomia mais dura entre as senhoras, “se arrancássemos esse rico vestido de madame Hester; e quanto à letra em vermelho, que tão distintamente traz bordada, eu mesma poderei ceder um retalho das minhas pobres vestes para que se faça uma mais adequada!”

“Calma, vizinhas, calma!”, sussurrou a mais jovem. “Não a deixem ouvir o que dizem! Ela já sentiu cada ponto daquele emblema dourado no próprio coração!”

O lúgubre oficial de justiça fez um gesto com o bastão.

“Abram caminho, boa gente, abram caminho, em nome do rei”, exclamou. “Deem passagem; e então, eu vos prometo, a senhora Prynne ficará à vista de todos, homem, mulher ou criança, para a justa apreciação de seus distintos trajés, de agora até uma hora após o meio-dia. Louvada seja a virtuosa colônia de Massachusetts, onde a justiça se faz à luz do sol! Vem, madame Hester, e exhibe tua letra escarlate na praça pública!”